

Meu caro Milton, muito grato por tua excelente carta de 16/12. Nao e apenas exposicao magistral do desenvolvimento do pensamento matematico moderno, como contem algumas ideias que me sao sumamente preciosas. Retenho as seguintes: (1) Para a analise numeros nao sao simbolos, (embora o sejam para a semantica), mas sao "entes, (ta onta). (2) O calculo atual se passa em nivel diferente do pre-analitico, porque se funda sobre analise, (computadores trabalham em base de algoritmos). (3) Imagens sinteticas sao fundamentalmente transformacoes de coordenadas, (originalmente cartesianas, mas atualmente outras). (Neste ponto anexo recorte sobre fra-tais, que trata do caso muito vulgarizadamente, que voce esta cansado de conhecer, mas que, para mim que sou matematicamente iletrado, revela a coisa melhor que o Scientific American, que dedicou a coisa dois volumes). Mas o que mais me importa na tua carta e tua afirmativa (4) que "voce se diverte com as figuras fantasticas" e que voce suspeita, tanto quanto eu, tratar-se na nova imaginacao de salto de quantidade para qualidade. Aprovatarei o que voce diz ao maximo no meu futuro trabalho, mas devo insistir em diferenca fundamental nas nossas apreciaco'es disto.

Computacao: Sob analise fenomenologica, (pondo em parenteses todas as explicacoes, e permitindo que o fenomeno assuma a palavra), computacao se revela gesto que decorre do calculo, mas se distingue deste. "Calcular" e gesto que moi fenomenos em graos, com intervalos entre estes, e "computar" gesto que recolhe os graos por cima dos intervalos para aparentemente integra-los em formas. A distincao e essencial para mim, porque "calcular" e gesto tao antigo quanto a humanidade, (como voce diz corretamente), mas "computar e gesto novo, porque exige instrumentos infra-humanamente estupidos e superhumanamente ageis. (Dedos podem calcular, mas nao computar, porque os graos sao demasiadamente pequenos). O problema da nova imaginacao e este: A gente esta sentada frente ao monitor, ve a passagem das imagens como se os sonhos tivessem emigrado do cranio para a tela, mas pode fazer parar uma das imagens, guarda-la na memoria mecanica, manipula-la com sua propria imaginacao, (por exemplo gracias a ratinho), e enviar a imagem manipulada para outros para que continuem, dialogicamente, o sonho. Permita que elabore:

A tradicao teologica, (e filosofica), tende a proibir imagens, porque estas sao ontologicamente duvidosas, (mimeses de fenomenos), e perigosas, (levam a confusao alienante entre significante e significado, isto e: idolatria). Mas a tradicao nao tem experiencia com as novas imagens, que nao sao simulacoes em tal sentido: nao representam aparencias, mas calculos, sao portanto "ideias". Platao diria que sao "teoricas", e levam a sabedoria, nao a doxa. Kantianamente: tais novas imagens nao se enquadram nas categorias da "Urteilkraft", (percepcao estetica), mas nas da razao pura. Mas como tais imagens sao perceptíveis, (tem forma, cor, movem-se, podem ser acusticas), sao elas, com efeito, a "estetica da razao pura". Ora, isto rebate sobre nossa maneira de ser da seguinte forma:

Para a mente pre-historica, o mundo vital, (Lebenswelt), se apresenta enquanto cena: conjunto de volumes mais ou menos animados que se entrechocam, mas que o tempo vai recolocando nos seus lugares justos. Para a mente historica, a Lebenswelt se apresenta enquanto feixo de processos: todo evento tem causa e tera

efeito segundo a ordem do tempo linearmente progressivo. Para nos, a Lebenswelt começa a apresentar-se enquanto campos interferentes de virtualidades, campos que "vibram" topologicamente. Ora, a Lebenswelt pode se apresentar assim, porque não apenas a "concebemos" assim, (relatividade, quanta, genética, neuro-fisiologia, etc. mas igualmente a "visualizamos" assim, (imagens sintetizadas). As imagens sintéticas, (a começar pela foto, mas claramente em imagens computadas por computador, e em hologramas), permitem a visualização da cosmologia da qual nasceram.

Ora: tal nova "Einbildungskraft", (força que permite por em imagem), funde, no seu bojo, ciência, técnica e arte, (e mais outras coisas). Mas é teologicamente mais perigosa que as imagens antigas. Estas são mediações entre o sujeito e o mundo, e podem encobrir o mundo para o sujeito. Mas as novas imagens são mediações entre o sujeito e seu próprio cálculo, e podem encobrir o sujeito. Além disto, não são "representações", mas "modelos": não mostram o que é, mas o que pode ser, e podem pois substituir o virtual pelo efetivo. Exemplo: imagem sintetizada de cadeira e modelo para a fabricação de cadeira, (por robots, por exemplo), mas para quem a sintetiza, a imagem passa a ser mais "real" que o artificial feito pelo robot, já que o robot apenas imita, (mimesis), a imagem. Além disto, a imagem é obviamente mais "bela", (formosa, bem formada), que a cadeira produzida pelo robot. Um platonismo de segundo grau, (realismo de ideias), está nascendo. Que o Talmud combatia tanto quanto a idolatria. Você compreendera porque sou confuso: fascinado e repellido.

.-.-.-.-

Você não respondeu ao último parágrafo da minha carta de 5/12. Dia 9 vem Henri (Philippe) da BASF S.Paulo para convidar-me a ir para SP. em março, (Casa da Cor). Talvez nos reveremos nesta oportunidade, (se você estiver lá). A propósito "cor": a paleta de Amiga 2000, (relativamente barata), dispõe de 256 cores variáveis de 10.000 maneiras. Nossa percepção cromática vai mudando. Karl Gerstner, (o suíço que elaborou a "teoria das cores computadas"), vem a Røgn no mesmo dia 9. Mandarei para você um "Vampyroteuthis" digitalizado, computado e colorido por Louis Bec, quando estiver totalmente pronto.

Que 88 seja para você cheio de satisfação, ou, para dizê-lo judaicamente: que o Inteiramente Outro mantenha-se sobre ti, que te faça resplandecer Sua face, e que te seja leve. E para os teus. A Edith se junta aos votos.

Teu amigo.